

**O QUE TEM DE CONTEÚDO NO SEMINÁRIO INTEGRADO?**

Márcia Von Frühauf Firme
vonfirme@gmail.com

Núcleo de trabalho: Juvenal Miller, Lília Neves, Lemos Júnior, Getúlio Vargas, Santa Vitória

1 CONTEXTO DO RELATO

O presente relato é sobre o processo de formação acadêmico-profissional de professores de Seminário Integrado das escolas públicas integrantes da 18ª Coordenadoria Regional de Educação (18ª CRE). Os encontros ocorrem em cinco grupos de escolas, envolvendo dezenove escolas estaduais pertencentes às cidades de Rio Grande, São José do Norte, Santa Vitória do Palmar e Chuí.

Participam desse processo, coordenado pela professora Dr^a. Maria do Carmo Galiazzi cem (100) professores de Seminário Integrado, coordenadores pedagógicos, professores representantes da CRE e professores e alunos da pós-graduação da FURG. Este processo de formação iniciou em março e segue até novembro de 2012.

Durante os dois encontros presenciais que acompanhei, os professores compartilharam experiências vivenciadas nas aulas de Seminário Integrado, angústias, dúvidas e desafios.

2 DETALHAMENTO DAS ATIVIDADES

Inicialmente a proposta do Cirandar: rodas de investigação desde a escola foi apresentada para os professores e coordenadores pedagógicos das escolas estaduais pertencentes a 18ª CRE. Esta apresentação incluiu as atividades a serem desenvolvidas pelos professores, bem como, o cronograma das mesmas.

Na semana de 16 a 19 de julho iniciaram as primeiras idas às escolas pólos, estas agrupavam diversas escolas próximas. No primeiro dia, a escola pólo foi o Juvenal Miller, no segundo dia Lília Neves e Instituto São José, no terceiro dia Getúlio Vargas e no quarto dia, Colégio Santa Vitória.

O primeiro encontro com os professores iniciou pela apresentação e conversa a respeito do que se está fazendo na disciplina de Seminário Integrado seguido da apresentação da proposta do relato escrito, leitura e discussão por meio de uma roda de conversas e do cronograma. A atividade da escrita do relato ocorre devido à potência desta na formação, pois de acordo com Gonçalves, Galiazzi e Lindemann (2007, p. 229) além de a *“escrita propiciar o diálogo, ela contribui para organização do pensamento do próprio autor”*.

Partimos então para maravilhosos cafés, em que além de degustar os bons quitutes, também podemos intensificar nossas relações de parceria entre os participantes e conhecer melhor a infra-estrutura das escolas.

Após o café, nos reunimos em pequenos grupos, procurando colocar um representante de cada escola em cada grupo, para contar a experiência vivenciada no trabalho desenvolvido no Seminário Integrado (disciplina que possui 25 % da carga horária do 1º ano de Ensino Médio Politécnico, adotado no estado do Rio Grande do Sul a partir de 2012). Esta tem a função de integrar as diversas disciplinas escolares.

No segundo encontro, que ocorreu nos dias 13 a 16 de agosto, iniciamos com uma conversa sobre avaliação, pois alguns professores participaram de um encontro em Bagé em que esse tema foi discutido. Após essa conversa, ficou combinado de intensificarmos essa

Rio Grande-RS, 18.ª CRE e FURG, 17 de novembro de 2012.



discussão no próximo encontro, a partir da leitura dos textos sobre avaliação trabalhados em Bagé. Seguimos com a reapresentação do site e das datas para escrita e postagem do relato e esclarecimento de dúvidas. Realizamos um levantamento do número de relatos impressos trazidos e distribuídos em duplas para a leitura. Então fomos para o café.

Retornando, nos reunimos nas duplas para fazermos a leitura e contribuições no relato do colega. Este momento, dos pequenos grupos, foi de escuta, por meio da *“leitura do outro sobre o que escrevemos também pode apontar para aquilo que não conseguimos ver”* (GONÇALVES, LINDEMANN e GALIAZZI, 2007, p. 232). Segundo os autores, o outro, tem a capacidade de dizer o que ainda é desconhecido, e *“o diálogo estabelecido entre autor e leitor é um reconhecimento da necessidade de ouvir o outro, de aprender com o outro”* (p. 229). A partir da escrita e da leitura é que se potencializa o processo de formação dos professores, pois *“a escrita e a leitura são atividades dialógicas que contribuem, respectivamente, para a organização do pensamento e para contrapor à palavra do autor uma contrapalavra, dentre outros aspectos”* Ibidem, p. 235.

Tanto no primeiro, como no segundo encontro, em alguns dos pólos, a conversa sobre avaliação seguiu para os conteúdos, sobre a diminuição da carga horária de determinadas disciplinas e portanto prejudicando o desenvolvimento de determinados conteúdos. Mas, que conteúdos são estes?

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DO RELATO

Uma das frases ouvidas nos encontros se refere a aceitação da proposta como pode ser evidenciada a seguir: *“Tanto professor quanto aluno precisam aceitar a proposta”*. Será que é uma questão de aceitar ou de nos envolvermos mais com a proposta, pois segundo uma das professoras *“precisamos estudar mais, conhecer melhor a proposta do Seminário Integrado”*. Nos encontros, normalmente existe *“muita informação e pouco espaço para debate e discussão”*. Será que em algumas das nossas aulas também temos esse tipo de atitude, de deixar pouco tempo para discutir sobre o que foi estudado, trabalhado.

A partir dessas frases, lembro de um tema discutido em um dos pólos, o conteúdo. Há uma preocupação no que se refere à quantidade de conteúdo específico em determinadas disciplinas que estão diminuindo a carga horária em detrimento do Seminário Integrado. Neste contexto, é interessante conversarmos a respeito do nosso entendimento sobre conteúdo, pois de acordo com Veiga (2008, p. 277)

O termo conteúdo é mais que uma seleção de conhecimento oriundos de diferentes campos do saber elaborado e formalizado cientificamente, abarcando concepções, princípios e fatos, procedimentos, atitudes, valores e normas que são colocadas em jogo na prática pedagógica.

Para a autora citada, o conteúdo é um dos elementos estruturadores da organização da aula e considerado fundamental para concretizar as intenções educativas, estando relacionado aos objetivos. O conteúdo passa a ser um veículo para o desenvolvimento das capacidades do aluno, envolvendo valores, atitudes e procedimentos. Nesse sentido, o respeito ao outro, o trabalho em grupo, a escrita, a leitura, a interpretação, a argumentação oral e escrita constituem também conteúdos a serem desenvolvidos na aula.

Segundo Gandin e Cruz (2008, p.13), *“os conteúdos são preestabelecidos pela “cultura” escolar e, portanto, não são questionados; dirigem tudo e são repetidos ano a ano”*. A partir dessa concepção, é que os alunos não percebem um trabalho diferenciado como sendo conteúdo.

Considerando, o significado de conteúdo atribuído por Veiga (2008) e por Gandin e Cruz (2008), ao pensarmos no planejamento de nossas atividades para a sala de aula podemos



Cirandar: rodas de investigação desde a escola

nos questionar a respeito do conteúdo que será trabalhado, como por exemplo: Este conteúdo é importante para quem? De quem é este conteúdo? O que eles ensinam? Para quem ensinam? A quem ensinam? O que os estudantes aprendem a partir deste trabalho? A quem servem estes conteúdos? Estou sendo cidadão ao fazer esta sala de aula? O conhecimento do aluno é considerado neste planejamento? As questões elencadas possibilitam ao professor pensar a respeito dos conteúdos a serem trabalhados e das atividades que serão realizadas, favorecendo o planejamento de uma proposta educativa emancipatória da sala de aula (GALIAZZI, GARCIA, LINDEMANN, 2004).

Nesse contexto, a aposta é em “*desacomodar o que está acomodado*” a partir do “*escutar o aluno*”, de certa forma, “*entrar no mundo deles*”, “*acreditar no resgate de conhecer nosso aluno*”, pois de acordo com Souza (2010, p. 30) podemos:

[...] transformar o espaço da escola em lugar de acolhimento e escuta ao que o outro diz, mesmo que esse outro seja muito diferente; apostar na argumentação, enquanto possibilidade de empoderamento do discurso para além do senso comum, articulando, numa perspectiva interdisciplinar, abordagens de temas polêmicos de interesse da comunidade escolar; entre outras.

A proposta do Seminário Integrado possibilita aos professores escutarem os alunos, também favorece que nós professores sejamos escutados, a partir do momento em que nos seja proporcionado encontros de formação, como esse, Cirandar: rodas de investigação desde a escola, tendo em vista que a docência não se dá no isolamento, mas na interação entre os pares. A formação de professores é assim entendida, em que todos aprendem juntos em comunidades de aprendizagem. Outro componente necessário neste entendimento é a importância das ferramentas culturais e de sua apropriação para a aprendizagem e o desenvolvimento humano, com destaque no diálogo, na leitura e na escrita na formação de professores pela pesquisa (GALIAZZI, 2003).

Outro fato relevante ouvido de um professor de Seminário Integrado é “*tendo um espaço para compartilhar as experiências fica mais fácil. Uma idéia vai complementando a outra. Esse espaço é importante*”. Ou seja, este espaço de formação acadêmico-profissional proporcionado para os professores dessa disciplina, passa a ter a possibilidade de trabalhar em grupo. O professor que lê, estuda e partilha experiências de sala de aula e de vida em Rodas de Formação em Rede deixa de estar sozinho na sua tarefa docente (SOUZA, 2010) e passa a participar de uma rede de apoio, sentindo-se mais encorajado para desenvolver seu trabalho docente.

No grupo, os professores podem desenvolver um trabalho colaborativo, que de acordo com Veiga (2008, p. 270) é

um dos principais desafios que os docentes vêm enfrentando no decorrer da aula é o desenvolvimento de um trabalho colaborativo, com ações mais coesas. A partilha de experiências em equipes estimula o próprio desenvolvimento profissional dos docentes. Os diálogos entre os pares e alunos sobre a experiência de trabalho conjunto constituem formas importantes para ressignificar o processo didático que ocorre durante a aula.

Nesse sentido, segundo a autora (p.270), “*a organização do processo de trabalho da instituição educativa deve propiciar situações de encontro e intercâmbio entre os professores para quebrar o isolamento profissional e o individualismo que caracterizam o trabalho docente*”. No entanto, para que isso seja possível, é preciso ter mais tempo disponível para o trabalho de formação coletiva nas escolas. É necessário haver mudanças nas escolas e no sistema educacional, oportunizando a formação de grupos de formação acadêmico-profissional, responsáveis, organizados e comprometidos com a educação.



Cirandas: rotas de investigação desde a escola

De acordo com Araújo (2007), a vivência de um projeto de pesquisa colaborativa possibilita ao professor uma compreensão sobre o conceito de formação, que, por sua vez, relaciona-se ao movimento de aprendizagem, possível no âmbito de um projeto de formação, que é assumido pelo educador, no sentido de pertença e, sobretudo, na dinâmica coletiva. Ou seja, o entendimento do papel do grupo como forte evidência de que as dinâmicas formativas precisam considerar a dimensão coletiva, presente no movimento de aprendizagem. Como evidenciado em uma das frases ouvidas em um dos encontros: “*Não somos professor, somos professores, sempre no coletivo, estamos sempre aprendendo com paradas e rupturas*”. A partir disso, “*quanto mais colegas se envolvem com o trabalho mais fácil de trabalhar*”.

É no grupo que podemos encontrar, juntos a direção a ser seguida, os próximos passos, e deixar de “*sentir como se estivesse em uma corrida onde não se conhece a pista, conforme as curvas chegavam se decidi na hora para onde ir*”. Pensar no coletivo na escola, professores, estudantes, coordenação e direção favorece o “*tentar buscar fazer o diferente. Montar um projeto que tenha qualidade, não apenas fazer por fazer*”. E assim acreditar que “*longe é um lugar que não existe*” pois de acordo com um dos relatos, ouvidos em um dos encontros, “*os alunos problemas na sala de aula, são os melhores alunos do seminário*”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esses encontros de formação acadêmico-profissional, exercitamos a escuta do outro, partilhamos experiências, conhecemos realidades de outras escolas, não apenas fisicamente, mas também contada pelos professores.

A partir da escuta e da partilha de experiências vivenciadas pelos professores de Seminário Integrado, escrevemos o relato, atividade esta, interessante para ser trabalhado com os estudantes, para o exercício da escrita e como meio de conhecer-se melhor.

Também trouxemos a discussão sobre conteúdos, que conteúdos são trabalhados na disciplina de Seminário Integrado, diria que são conteúdos que contribuem para a formação de um ser humano melhor e isto inclui a todos, professores e alunos.

O fato de reclamarmos, de recebermos muitas informações, como no caso do encontro sobre avaliação, que ocorreu em Bagé, e termos pouco tempo para discutir, nos faz pensar sobre o que fizemos nas nossas aulas?

A partir desse relato e das frases dos professores, percebemos a necessidade da partilha, do trabalho no coletivo de professores e alunos. Para tornar isso possível, apostamos na formação acadêmico – profissional, em grupo, no coletivo, nas escolas proporcionados por espaços de formação e de planejamento na própria escola, podendo interagir com outros espaços de formação.

5 REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Elaine S. O uso do portfólio reflexivo na perspectiva histórico-cultural. In: **30 ANPED**. Caxambu, MG, 2007. Disponível em www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT08-3310--Int.pdf Consultado em março de 2011.

GALIAZZI, Maria do Carmo. **Educar pela pesquisa**: ambiente de formação de professores de ciências. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.

GALIAZZI, Maria do Carmo; GARCIA, Fabiane; LINDEMANN, Renata. Construindo Caleidoscópios: organizando unidades de aprendizagem. In: MORAES, R.; MANCUSO, R. Rio Grande-RS, 18.^a CRE e FURG, 17 de novembro de 2012.



Cirandas: rodas de investigação desde a escola

(org.). **Educação em Ciências:** produção de currículos e formação de professores. Ijuí: Unijuí, 2004.

GANDIN, Danilo; CRUZ, Carlos H. C. **Planejamento na Sala de Aula.** 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

GONÇALVES, Fábio.; LINDEMANN, Renata H. ; GALIAZZI, Maria do Carmo. O diário de aula coletivo na formação de professores de ciências: reflexões à luz de uma perspectiva sociocultural. In: GALIAZZI, Maria do Carmo *et al.* **Construção curricular em rede na educação em ciências:** uma aposta de pesquisa na sala de aula. Ijuí: Ed. Unijuí, 2007.

SOUZA, Moacir Langoni. **Histórias de Constituição e Ambientalização de professores de Química em Rodas de Formação em Rede:** colcha de retalhos tecida em partilhas (d)e narrativas. 2010. 182f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental) – Universidade Federal do Rio Grande , Rio Grande, Rio Grande do Sul.

VEIGA, Ilma P. A. Organização didática da aula: um projeto colaborativo de ação imediata. In; VEIGA, I. P. A. (org.). **Aula:** Gênese, Dimensões, Princípios e Práticas. Campinas, SP: Papirus, 2008.